

Rotinas intensas e sofrimento na formação da identidade profissional: um estudo com jornalistas que vivenciaram a transição para o período pós-industrial^[*]

Intense routines and suffering in the formation of professional identities: a study of journalists that witnessed the transition to post-industrial era

Lívia Guilhermano^[**]
liviaguilhermano@gmail.com

Virginia Pradelina da Silveira Fonseca^[**]
vpradelina@uol.com.br

RESUMO

Neste artigo, procuramos relacionar rotinas produtivas no jornalismo e sofrimento psíquico, visando perceber nessa relação um possível fator constitutivo de identidade profissional. Para isso, buscamos identificar esses elementos nos discursos de jornalistas que vivenciaram as mudanças da profissão na transição do século 20 para o século 21 – passagem do jornalismo industrial para o pós-industrial – e que ainda estão em curso. Selecionamos trechos de entrevistas em profundidade realizadas com seis profissionais que ingressaram no mercado de trabalho nas décadas de 1970 e 1980 e que continuam em atividade. Ao analisar as entrevistas discursivamente, observamos que as intensas rotinas e o sofrimento estiveram presentes ao longo da vida desses jornalistas. Apesar disso, a visão romântica do jornalismo é, na maioria das vezes, reiterada, reforçando o sentido de pertencimento ao grupo profissional.

Palavras-chave: Identidade profissional. Rotinas produtivas. Sofrimento psíquico.

ABSTRACT

In this article, we aim to correlate working routines in journalism and psychic suffering, with a view to analyze this connection as a factor in the making of journalists' professional identities. For that, we have sought to identify these elements in the discourses of journalists that witnessed the professional changes from the XX century to the XXI century – from industrial journalism to post-industrial journalism –, that are still ongoing. We have highlighted parts of interviews carried out with six professionals who started their careers in the 1970s and 1980s, and are still working. After the analysis of their speeches, we observed that intense routines and suffering have been present through their lives. In spite of that, the romantic view of journalism is, most of the time, reaffirmed, which reinforces the sense of belonging to the professional group.

Keywords: Professional identity. Work routines. Psychic suffering.

^[*] Uma versão reduzida deste artigo foi apresentada no XV Congresso da ALAIC, organizado em Medellín, Colômbia, e realizado virtualmente no período de 09 a 10 de novembro de 2020.

^[**] Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Av. Paulo Gama, 110 – Farroupilha, Porto Alegre (RS).

Introdução

Na passagem do século 20 para o 21, o cenário de mídia é fortemente impactado pelo desenvolvimento da internet. A antiga produção de natureza industrial, estruturada em torno de grandes organizações, aparatos e máquinas, cede espaço para configurações condicionadas pelas lógicas inerentes à era informacional digital. Nesse novo ecossistema, o jornalismo pós-industrial caracteriza-se pelo uso intensivo de novas tecnologias, por novas rotinas e por novos métodos de produção, distribuição e consumo de conteúdos (Anderson *et al.*, 2013). Consequentemente, fontes e público têm novas possibilidades de intervenção em um processo antes exclusivo de jornalistas.

Ante essa realidade, nossa proposta de reflexão recai sobre o sofrimento psíquico de jornalistas que cumprem extensas jornadas de trabalho sob intensa pressão – por impacto (medido em métricas), por cumprimento de prazos, por demandas internas e externas à redação, atualização de redes sociais, promoção de matérias, uso de plataformas multimídia, conquista de prêmios, etc. Esta reflexão dá continuidade à pesquisa anterior, em que se investigou histórias de vida de jornalistas que vivenciaram a passagem do jornalismo “analógico” para o “digital” na virada do século 20 para o 21 no Brasil, e que permanecem em atividade. Com esse projeto, o que se pretendeu foi apreender elementos que pudessem indicar mudanças e permanências na identidade desses jornalistas e, nessa etapa da pesquisa, identificou-se o problema do sofrimento, condição que perpassa o discurso dos informantes de diversas formas – algumas vezes glamourizada, mas sempre em relação à intensidade das rotinas e às extensas jornadas de trabalho¹¹. Foi possível constatar que o sofrimento faz parte do trabalho do jornalista, como observou Reimberg (2015).

Diante disso, neste *paper* resgatam-se trechos dessas entrevistas que nos permitem relacionar o sofrimento às intensas rotinas produtivas e às exaustivas jornadas de trabalho. Esses trechos aparecem nos discursos dos jornalistas que vivenciaram a transição do período industrial para o pós-industrial e constituem fator de interferência na própria constituição de uma identidade profissional. Por identidade entende-se o resultado de sucessivas socializações, construídas a partir do contexto

social e cultural de onde vem o indivíduo, e das experiências que ele adquire ao longo da vida (Dubar, 1997).

A saída do sistema escolar e o confronto com o mercado de trabalho contitui um dos momentos mais importantes para a formação de uma identidade autônoma de um indivíduo. É nesse momento que se dá “a identificação pelo outro¹² das suas competências, do seu estatuto e da carreira possível e a construção para si do projeto, das aspirações e da identidade possível” (Dubar, 1997, p.113). O trabalho, portanto, constituiria um espaço para negociações identitárias, as quais dão origem a uma identidade profissional.

Entendemos que o jornalismo construiu, historicamente, uma maneira própria de se colocar no mundo que o distingue das demais profissões. Criou e cristalizou valores, papéis e crenças que são compartilhadas e difundidas dentro e fora da comunidade profissional. Além disso, pressupõe um conjunto de regras formais e explícitas, mas também informais e tácitas, que orientam a prática dos atores sociais (Charron e Bonville, 2016). Esses fatores deram contorno a uma identidade de grupo ao longo dos anos e são importantes para a construção das identidades individuais.

Para relacionar práticas e identidades, estruturamos este texto em quatro partes. Depois desta introdução, relacionamos o cenário de transição do século 20 para o 21 – período vivenciado pelos jornalistas entrevistados – com a construção da identidade profissional. Na terceira parte, explicamos a metodologia empregada na pesquisa e partimos para a análise dos trechos das entrevistas referentes ao sofrimento e às intensas rotinas produtivas. Por último, apresentamos as considerações finais, quando relacionamos o discurso sobre o sofrimento e as rotinas de trabalho com a identidade profissional.

Identidade profissional na transição para o pós-industrial

Conforme Traquina (2013), poucas profissões tiveram tanto êxito na elaboração de uma cultura rica em valores, símbolos e cultos, reconhecida dentro e fora do grupo profissional, quanto o jornalismo. O *ethos* jornalístico - a maneira como se deve ser (jornalista)/estar (no jornalismo) - foi construído historica-

¹¹ A pesquisa foi realizada para a dissertação de mestrado “Identidade profissional dos jornalistas: histórias de vida na transição do período industrial para o pós-industrial”, apresentada em 2019 ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

¹² Para Dubar (1997), “o outro” é qualquer pessoa com a qual o indivíduo se relaciona e que atribui a ele uma identidade. Essa identidade pode ou não ser assumida ou incorporada.

mente e é compartilhado entre os profissionais.

A formação dessa cultura jornalística baseia-se em uma visão romântica da profissão. Ao longo dos anos, uma mitologia foi estruturada, colocando o jornalista na condição de um defensor da sociedade (Alsina, 2009), apaixonado pelo seu trabalho, que coloca a coletividade em primeiro lugar, em detrimento da sua individualidade (Lago, 2003). Travancas (2011, p.30) complementa essa ideia ao observar que os jornalistas se veem completamente voltados para o trabalho: “O ponto de partida para a entrada na profissão é a entrega do seu tempo. É estar ligado à redação o tempo todo. Há uma cobrança implícita, se não explícita, de que ser jornalista significa ser jornalista 24 horas por dia e não só quando se está no jornal ou fazendo matéria na rua”.

Neste artigo, dirigimos nosso olhar para essa cultura profissional no contexto das profundas mudanças pelas quais o jornalismo está passando, na transição do que chamamos de período industrial para o pós-industrial. Anderson *et al.* (2013, pp.37-38) utilizam o termo jornalismo pós-industrial, cunhado por Doc Searls em 2001 para designar “um jornalismo que já não é organizado segundo as regras da proximidade do maquinário de produção”. De fato, o jornalismo não é mais dependente de uma lógica industrial, como era décadas atrás. Isso não significa a inexistência, hoje, de empresas que trabalham com grande escala de produção, mas que esse modelo está sendo repensado e que divide espaço com outros projetos e modelos de jornalismo.

Ainda que essa transição esteja em curso, é possível afirmar que estamos testemunhando transformações nas formas de captar, produzir, difundir e consumir conteúdo jornalístico. As inovações se traduzem, sem dúvida, em mudanças sociais e culturais que vão muito além de um processo tecnológico, como salienta Jenkins (2009).

Pereira e Adghirni (2011) observam alterações socioeconômicas e inovações tecnológicas profundas no jornalismo, que podem ser identificadas:

1. na produção da notícia, com a aceleração dos fluxos de produção e disponibilização, proliferação de plataformas de conteúdo multimídia, alterações no processo de coleta de informações e relação com as fontes;
2. no perfil dos jornalistas, com aumento da precarização do trabalho e a consequente ocupação de outros espaços que não os veículos tradicionais;

3. nas novas relações com os públicos, que passam a colaborar produzindo conteúdos, impondo assim suas próprias normas e valores.

A perda do monopólio da produção de conteúdo por parte do jornalista é um dos traços mais visíveis dessa transição. Até o final do século 20 era a grande indústria jornalística a responsável por produzir praticamente tudo o que chegaria nas mãos do público.

Era uma indústria que se mantinha em pé por coisas que em geral mantêm um setor em pé: a similitude de métodos entre um grupo relativamente pequeno e uniforme de empresas e a incapacidade de alguém de fora desse grupo de criar um produto competitivo (Anderson et al., 2013, p.32).

As empresas exerciam papel central porque era preciso ter recursos e estrutura para fazer jornalismo. Com o desenvolvimento da internet e o surgimento das redes sociais, todos os agentes da comunicação passaram a ter mais liberdade. No novo cenário, o anunciante pode ter contato mais direto com o consumidor, assim como o cidadão comum pode ser o primeiro a divulgar, em grande escala, uma informação. Diante desse quadro, a adaptação de empresas e profissionais é uma contingência.

Com isso, conforme observam Pereira e Adghirni (2011), não só o processo de produção de notícias, mas também o perfil dos jornalistas sofre alterações. Entre as exigências que recaem sobre os jornalistas nesse contexto está a capacidade de executar múltiplas tarefas e de produzir conteúdos multimídia. O conceito de convergência, manifesto no modelo integrado de redação, que reúne em um mesmo espaço equipes de jornal *on-line* e redação tradicional, por exemplo, resulta em aumento de atribuições. O resultado é sobrecarga de trabalho (Pereira e Adghirni, 2011).

No cenário de expansão global do capitalismo financeiro e de transformações econômicas e tecnológicas, “a separação entre o jornalismo e o departamento comercial da empresa, antes fundamental, hoje sequer faz parte do repertório das novas gerações”, como percebe Figaro (2013, p.11). A lógica comercial trouxe consigo, ainda, a necessidade de redução de custos das empresas e a consequente precarização do mercado de trabalho, caracterizada pela flexibilização e pela informalidade (Pereira, 2004). Essa precarização¹³¹ tem consequências para a saúde

¹³¹ Os temas da precarização e da reconfiguração do trabalho dos jornalistas são aprofundados por Lelo (2019) e por Nicoletti (2019).

física e mental dos jornalistas (Reimberg, 2015).

Diante desse quadro de instabilidade na atividade jornalística, Neveu (2010) pondera que esse jornalismo de mercado faz a identidade profissional ser questionada, mas que a mitologia profissional continua sendo uma fonte de poder, pois é capaz de reafirmá-la.

[Os mitos] são sempre maiores e melhores que uma realidade profissional que é também composta de compromissos, ceticismo e constrangimentos. Enquanto durarem, vão injetar nas subjetividades dos jornalistas a sensação de que eles servem à verdade, à democracia ou à comunidade, mas algo superior a rotinas (Neveu, 2010, p. 53).

Essa crença na relevância da profissão pode ser entendida como *illusio*, conforme Bourdieu (2008): o indivíduo acredita nas regras do “jogo” e considera que o jogo merece ser jogado. Para colocar-se em campo, é necessário crer que há um objetivo a ser alcançado, uma missão que valha a pena o esforço. *A illusio*, portanto, é a adesão, consciente ou inconsciente, dos indivíduos ao campo em que estão inseridos; é a possibilidade de manter “uma relação encantada com um jogo” (Bourdieu, 2008, p. 139).

É com esse sentido que Travancas (2011) observa a cultura jornalística. Segundo a autora, existe um *commitment* (comprometimento), ou adesão dos jornalistas ao seu trabalho, ao doarem seu tempo e ao se envolverem na atividade profissional, apesar dos relatos sobre os problemas na profissão, como salários baixos, dificuldades no mercado de trabalho e censura interna. Essa crença pode ser observada na nossa pesquisa quando analisamos os discursos dos entrevistados, sobre suas vidas e sobre as mudanças ocorridas na passagem do período industrial para o pós-industrial.

Rotinas intensas e sofrimento

Como antecipado, os trechos de discurso aqui analisados são retirados de entrevistas realizadas com jornalistas que vivenciaram as transformações do jornalismo na passagem do século 20 para o século 21. Metodologicamente,

utilizamos uma modalidade específica da História Oral, a história de vida, que consiste em entrevistar pessoas que participaram de acontecimentos relevantes (ou os testemunharam), de conjunturas ou visões de mundo. O método é um modo de o pesquisador se aproximar do seu objeto de estudo (Alberti, 2005). Usamos a técnica de entrevista semi-estruturada, que permite um aprofundamento na trajetória de cada indivíduo. Foram entrevistados seis jornalistas que ingressaram no mundo do trabalho nas décadas de 70 e 80 do século passado e que permanecem em atividade: Ana Estela de Sousa Pinto^[4], Carlos Wagner^[5], Elder Ogliari^[6], Marcelo Auler^[7], Marcelo Canellas^[8] e Katia Perin^[9]. Após a análise das entrevistas, percebemos que o sofrimento é um sentido que aparece com frequência nas falas dos jornalistas, mostrando-se um elemento constitutivo de identidade profissional. Ele perpassa as diferentes etapas de vida dos profissionais e ganha novos contornos no período pós-industrial. Como observado nos trechos analisados, esse sofrimento relaciona-se, na maioria das vezes, às intensas rotinas produtivas.

Nos discursos dos seis informantes, percebemos a reiteração de menções às longas jornadas de trabalho, aos horários irregulares, ao pouco tempo de folga e ao acúmulo de atividades. O número de horas diárias trabalhadas é uma das principais manifestações das rotinas extenuantes. Os relatos reiteram o estudo de Travancas (2011), porque mostram que o tempo excessivo dedicado ao trabalho é uma prerrogativa da profissão.

Hoje a gente ainda trabalha muito, mas quando eu comecei a trabalhar era tranquilo ser 15 horas por dia, sabe? Era bem comum. Então, era muito mais intensivo o aprendizado do que na faculdade. E também, por outro lado, como eu trabalhava 15 horas por dia eu não conseguia me dedicar tanto à faculdade, né? (Ana Estela de Sousa Pinto)

Os horários da Placar eram coisas absurdas. Eles levavam todo mundo em casa se passasse de umas 10 da noite. . . . Mas era das 8 da manhã às 10 da noite, direto (Katia Perin)

[4] Entrevista concedida em 8 de novembro de 2018 em São Paulo, SP.

[5] Entrevista concedida em 6 de novembro de 2018 em Porto Alegre, RS.

[6] Entrevista concedida em 5 de novembro de 2018 em Porto Alegre, RS.

[7] Entrevista concedida em 18 de novembro de 2018 em Rio de Janeiro, RJ.

[8] Entrevista concedida em 21 de novembro de 2018 em Santa Maria, RS.

[9] Entrevista concedida em 22 de dezembro de 2018 em Porto Alegre, RS

Em 77, eu entro para a revista Manchete, para um plantão que começava 9 ou 10 da noite e terminava às 7 da manhã. Era uma coisa maluca (Marcelo Auler)

Eu estava de saco cheio. Na Veja você entrava às 10 horas da manhã e saía às 11 horas da noite (Marcelo Auler)

Para Marcelo Auler, o ingresso na profissão foi marcado pela dedicação ao trabalho até mesmo em dias que para muitos outros profissionais são sinônimo de descanso.

Acabei começando a trabalhar [na Rádio Globo] no dia 20 de janeiro de 74, que aqui no Rio é feriado, dia de São Sebastião. Já comecei trabalhando em um feriado para caracterizar bem que eu não ia ter fins de semana e feriados (Marcelo Auler).

Já Carlos Wagner ressalta que o trabalho não terminava quando saía da redação. A jornada que não tem hora para terminar aparece de forma naturalizada no discurso do jornalista.

Eu tinha um horário na Zero Hora. Mas eu na Zero Hora trabalhava 24 horas. Entendeu? Não é à toa que tenho um monte de casamentos fracassados. Por que eu trabalhava 24 horas? . . . Tu acaba te envolvendo. Tu está fora do jornal, mas aí tu tem que fazer fonte, tem que saber o que está acontecendo, tem que tomar pé, conversar com o cara, tem que ligar, estar rolando o dia todo. Entendeu? Tem que estar rolando o dia todo, né, Lívia? (Carlos Wagner)

Deadlines a serem cumpridos, deslocamentos curtos e viagens mais longas fazem parte da rotina, mas fazem também com que o trabalho tome espaço da vida pessoal.

Era uma loucura, porque o carro ia correndo, voltava correndo, e eu tinha que escrever o texto, porque tinha o horário de fechamento da revista. (Katia Perin)

Eu sempre viajei bastante, mas no Globo Repórter eram viagens longas, às vezes 20, 25 dias. Às

vezes até fora do Brasil. Um Globo Repórter que eu fiz no Egito, fiquei um mês lá. Em Cuba também quase um mês. (Marcelo Canellas)

Tanto tempo dedicado ao trabalho contribuiu para que Ana Estela de Sousa Pinto se casasse com jornalistas, três vezes. Assim como Katia Perin, que conheceu seu marido na redação da *Placar*, Ana Estela se envolveu com pessoas da mesma empresa.

[casar com jornalistas] foi mais por contingência. A gente fica muito, muito tempo aqui dentro (Ana Estela de Sousa Pinto).

Quando Ana Estela teve sua filha, sentiu que a ajuda de uma empregada amenizou a dificuldade que teria devido aos horários irregulares. Mas acredita que, em muitos casos, pode ser complicado ter uma criança quando os dois pais são jornalistas.

Acho que aqui a gente sempre trabalha mais do que 8 horas, né, por dia [. . .]. A gente trabalha em horários que vão até tarde da noite. Então, quando você tem uma criança em casa é complicado (Ana Estela de Sousa Pinto).

Se você trabalha na edição é que eu acho que torna um pouco mais difícil essa questão. Porque você chega tarde. Quando você chega, ou o seu filho já está dormindo ou você chega na hora de ele dormir, ou ele vai dormir tarde demais, então isso complica um pouco a vida, principalmente quando os dois fazem isso (Ana Estela de Sousa Pinto)

Elder Ogliari não teve filhos. No momento da entrevista, ponderou que seria bom ter tido. Assim como reavalia essa questão, olha para outros aspectos da sua vida como jornalista também com ressalvas. Quando entrou no *Correio do Povo*, deixou claro que buscava outro estilo de vida.

Eu vim aqui e conversei com o Telmo¹⁰⁰ e quis saber o seguinte ó: no Estadão eu não vivi. Eu passei 13 anos lá sem poder ir a um cinema à noite, sem poder ir ao teatro, sem poder jantar com os amigos... meu casamento naufragou, porque eu nunca estava em casa. Se eu estivesse em casa,

¹⁰⁰ Telmo Flor é diretor de redação do jornal *Correio do Povo* (RS).

eu estava sempre nervoso, sempre estressado... Se eu estivesse em casa, eu estava trabalhando, porque eu trabalhava em casa também, quando eu chegava em casa. Disse para ele: “Eu não quero mais essa vida” (Elder Ogliari).

O sofrimento decorrente do cansaço e estresse por encarar uma rotina de trabalho exaustiva é recorrente nas falas dos entrevistados. No caso de Elder Ogliari, porém, percebe-se que esse sentimento trouxe grandes implicações para outras esferas da sua vida. A falta de tempo para si mesmo e para o lazer o acompanhou durante a sua carreira, atingindo o ápice nos anos 2000, quando se tornou correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo* no Rio Grande do Sul. No trecho a seguir, Elder diz que, às vezes, sente falta da burocracia de quando era bancário, justamente o motivo para ter mudado de profissão.

É que depois, com o passar dos anos, vai ter um dia que vai te dar saudade da burocracia, porque, assim, quando eu era correspondente do Estadão e mesmo agora, quando eu saio daqui umas 9 da noite... e no Estadão eu não tinha horário... [...] eu descia a Rua da Praia, ia por aqui até a Bento Martins e subia para a Duque. Eu passava morto, esgotado de tanto trabalhar, e via as pessoas nos bares bebendo, conversando, alegres e tal... e eu: “Putz! Que saudade do tempo da burocracia, que eu saía às 6 da tarde e ia fazer um happy hour. Agora...” [risos] (Elder Ogliari).

Elder passou 15 anos no jornal *O Estado de S. Paulo*, até o fechamento da sucursal gaúcha. O comprometimento requerido no cumprimento da função, a falta de tempo e o estresse diário, prejudicaram seus relacionamentos.

O trabalho prejudicou no sentido de que eu não tinha vida nem para mim, o que dirá para me dedicar a uma outra pessoa. Então, assim, deve ser chato você morar com alguém que nunca te dá atenção (Elder Ogliari).

Teve um ano que a minha parceira, companheira, mulher, sei lá como eu digo hoje, no aniversário dela, eu disse: “Eu vou dar um jeito de terminar as minhas coisas mais cedo, as outras eu deixo para o dia seguinte e nesse dia nós vamos jantar. Pelo menos nesse dia, nós vamos jantar.” . . . Mesmo nessas situações eu tinha que ouvir o

noticiário das dez da noite, para ver se não tinha dado um terremoto no Rio Grande do Sul.. A gente está à mesa quando toca o telefone. São Paulo chamando: “Elder, o Jornal Nacional deu que descobriram um dinossauro... e nós queremos uma matéria para agora. . . . Tem que dar agora”. “Mas eu assumi um compromisso hoje. Eu não estou em condições...”. “Não. Mas você tem que fazer, cara.”. . . Ai eu saí da mesa dando... não vou dizer que eu dei soco na parede, mas quase. . . . Fui trabalhar. Deixei a Luciana jantando sozinha no dia do aniversário dela (Elder Ogliari).

Se eu sáisse um dia mais cedo se eu fosse jantar com os amigos, a Luciana, o que era muito raro, eu levava um radinho comigo. O noticiário das dez da noite da Rádio Gaúcha, que era o último do dia, eu ouvia todinho, porque eu levei furo algumas vezes no início, por não ter acompanhado... e, assim, era uma escravidão. Às oito da manhã eu já tinha que ter ouvido o noticiário da manhã para passar previsão. Às onze da noite, tu tinha que estar ouvindo noticiário. . . . Mas aí tinha o meu comportamento, que eu ficava muito estressado, muito puto, e, assim, acabava agredindo a Luciana. Não agredindo fisicamente. Agredindo com as palavras que, às vezes, machucam até mais, né? Sobretudo, num período final que eu estava muito estressado. . . . Ai no fim daquele ano, ela me largou. (Elder Ogliari)

Além de Elder Ogliari e de Carlos Wagner – que diz “não é à toa que tenho um monte de casamentos fracassados” –, Marcelo Auler também relata que o fato de trabalhar muito foi determinante para o fim de seus relacionamentos.

Eu me separei do meu segundo e desse meu último casamento por causa do blog. . . . Ela disse que eu ficava o dia inteiro no computador e era verdade. Se bobear eu fico das 7 da manhã, 6 horas da manhã, que eu acordo, às 6 horas da noite diante do computador, se não escrevendo, pelo menos bisbilhotando, lendo. . . . E ela tinha razão. Eu dou razão a ela. Eu ficava o dia inteiro escrevendo (Marcelo Auler).

O sofrimento provocado pelo trabalho aparece nas entrevistas não apenas vinculado às rotinas extenuantes. Ana Estela de Sousa Pinto e Katia Perin qualificam o

próprio processo de apuração e finalização de uma reportagem como sofrido. Ainda que as duas jornalistas demonstrem admiração pela atividade, trabalhar como repórter é visto por elas como um desafio que gera, muitas vezes, um sentimento de incapacidade.

Eu tinha muita insegurança. . . . Achava difícil entender qual era a pauta, o que eu tinha que trazer da rua, qual era o lead, como que eu tinha que escrever. . . . A minha dificuldade mesmo era com a notícia. Entender qual era a notícia, afinal de contas. Eu tinha muito... eu sofria bastante como repórter. Eu sempre passava a noite pensando: “Será que eu levei um furo? Como é que vai ser amanhã? O que os meus concorrentes fizeram e tal?” (Ana Estela de Sousa Pinto).

Eu sempre acho que nunca está completa a apuração e apuro, apuro, apuro, e depois fico com muita informação e acho que o principal sofrimento é tirar a matéria daquele monte de coisa, entendeu? (Ana Estela de Sousa Pinto)

A reportagem eu ficava com aquela coisa durante muito tempo. Quando ela era sofrida, eu sofria muito tempo. Quando ela era prazerosa, eu tinha prazer... mas poucas vezes elas eram prazerosas, né? Quando ela era sofrida, não andava... Eu ficava com aquilo muito tempo. Aquilo me fazia sofrer, sabe? Me dava dor de estômago. Eu tinha sofrimento físico (Katia Perin).

Tinha. Bastante sofrimento. Muito. A própria dos amigos do Pelé... enquanto eu não achava todos, eu achava que eu nunca ia conseguir achar todos. . . . eu ficava sofrendo com aquilo, eu não dormia. Como é que eu vou achar? Não tem mais onde procurar. Sabe? Era um sofrimento (Katia Perin).

O trabalho dos jornalistas entrevistados mudou profundamente com a chegada da internet e de outras tecnologias. Em diversos momentos, fica evidente o quanto os processos foram simplificados e se tornaram mais ágeis. Ainda assim, as mudanças são tratadas com ressalvas e o sofrimento e a intensa dedicação ao trabalho seguem presentes.

No final da década de 90, quando começou a internet, aí que a nossa vida começou a facilitar.

Começou a sobrar mais tempo para a gente beber, porque antes a gente tinha que beber trabalhando. . . . Por outro lado, complicou a nossa vida porque a gente ficava on-line e a redação ficava enchendo o saco o tempo todo. Sabe? (Carlos Wagner).

Conforme Wagner, o jornalista passou a ser encontrado em todos os lugares e o tempo para o trabalho, cada vez mais confundido com o tempo da vida pessoal. O relato condiz com afirmação de Pereira e Adghirni (2011, p.45), para quem “a pressão do tempo sobre a produção das notícias é uma das marcas indeléveis do jornalismo ao longo de sua história, mas o desenvolvimento das tecnologias digitais acelerou este processo nos últimos 20 anos”. Essa aceleração pode ser observada nos trechos em que Katia Perin aborda o trabalho no site da Veja.

Hoje na internet, a gente sabe que os veículos de comunicação de internet trabalham assim, com pouca apuração e muita reprodução. Mas no começo me incomodava, porque eu vim daquela escola onde cada um produz seu jornalismo (Katia Perin).

Então, é diferente de jornal. . . . O site, ele está publicando todo o tempo. E se ele não está publicando a todo o tempo, ele está perdendo para o concorrente, porque o concorrente está publicando a todo o tempo (Katia Perin).

No jornalismo pós-industrial, o discurso da convergência, atrelado ao modelo integrado de redação, reflete-se no aumento das atribuições dos jornalistas, que devem ser capazes de cobrir todas as etapas do processo, gerando sobrecarga de trabalho (Pereira e Adghirni, 2011). A atualidade e a onipresença aparecem na fala de Katia Perin como marcas do jornalismo contemporâneo, especialmente do on-line. Ela destaca a pressão para estar sempre à frente dos concorrentes e não deixar nenhum assunto “escapar”. A busca pelo “furo”, presente historicamente na mitologia profissional, ganha um novo significado na era digital. Agora, porém, é o público que impõe a pauta e o jornalista que vai atrás.

A gente começou a produzir em função das redes sociais. Eu usava o termo: nós passamos a ser reféns das redes sociais. Começou com os veículos on-line, mas depois, passou para a re-

vista. A revista fazia uma matéria sobre o Zezé de Camargo, porque as redes sociais estavam dando isso, estavam gostando disso. O *Jornal Nacional* começou a fazer uma matéria sobre o Zezé de Camargo, porque as redes sociais... Então, os grandes veículos viraram **reféns** das redes sociais (Katia Perin).

Não sou mais eu que estou oferecendo. **Eu estou correndo atrás** do que ele está me informando. É o leitor que está fazendo isso. É o leitor que está me oferecendo a pauta. Não eu fornecendo a matéria para ele. . . **Tem consequências na qualidade eu acho** (Katia Perin).

O fato de precisar produzir conforme os assuntos mais comentados nas redes sociais é visto como um aspecto negativo nas rotinas de trabalho atuais. Outro fator evidenciado é o enxugamento das redações. A jornalista comenta que, quando foi chefe da *Veja* on-line, não encontrou as mesmas condições que vivenciou no início de sua carreira, quando foi repórter da *Placar*.

Não tinha mais estrutura da empresa, do mercado, para aquilo, né? Um carro não podia mais ficar à disposição de um repórter. Um fotógrafo não podia mais ficar à disposição de um repórter. Um repórter não podia se dar ao luxo de ficar mais de uma semana, duas semanas, com uma matéria. Duas semanas tinha que ser capa da revista para ficar com aquilo. Então, era meio decepcionante isso, sabe? De você não poder proporcionar a um subordinado aquilo que você teve a chance de fazer. (Katia Perin)

Todos os entrevistados afirmam que a profissão é estressante. Carlos Wagner, no entanto, se distingue por ver no estresse um aspecto positivo.

Tchê, o estresse é uma coisa maravilhosa, tchê. O que seria da nossa vida se não fosse o estresse? O que é ruim é cerveja quente. Livia, nós escolhemos ser complicados. Entendeu? É isso o que a gente faz (Carlos Wagner).

Todos os outros, porém, vinculam estresse a sofrimento: alguns tratam de forma mais compreensiva e naturalizada, mas os outros, de maneira muito mais crítica.

É estressante. Não sei em todos os veículos. A minha foi. . . . **Você está em casa, ligam. Você está sempre ligada. Sempre querendo ouvir o que está acontecendo. Você não desliga nunca. É estressante. A cobrança é constante** (Katia Perin).

Muito estressante. Toda a noite eu sonhava com o jornal. Não é assim “ah, quando eu lembro eu sonhava com jornal...”. Eu lembrava toda manhã e toda noite eu tinha sonhado com o jornal, dia após dia durante meses. Foi bem difícil e bem estressante (Ana Estela de Sousa Pinto).

Mesmo concordando que o trabalho de jornalista é estressante, é interessante observar os momentos em que a menção ao estresse é amenizada. Isso ocorre sempre que é retomado o discurso romântico da profissão^[11]. Nestes trechos, o jornalismo é visto como estressante, porém recompensador.

É estressante quando você tem a notícia na mão e você acha que está perigando escapar... ou seja, o estresse normal da profissão. Mas é sobretudo profundamente prazerosa (Marcelo Canellas).

Tem coisas, assim, que são gratificantes, né? E talvez mais gratificante são as pessoas que a gente conhece por aí... andando, fazendo matérias. Mas que é estressante é. Sempre. Pelo menos para mim. Mas eu acho que a maioria é estressado sim. (Elder Ogliari)

Observa-se que Katia Perin, Marcelo Canellas, Marcelo Auler e Elder Ogliari reforçam o amor que têm ainda hoje pela profissão, apesar dos problemas vividos, como estresse, rotinas intensas e falta de tempo para a família. Carlos Wagner é o romântico por excelência, uma vez que até mesmo o desgaste provocado pela rotina profissional é visto como elemento impulsor do sentimento de pertencimento.

[11] O discurso romântico no jornalismo é aquele que se opõe à visão racional e burocrática da profissão. Construído historicamente, ele retoma aspectos da mitologia da profissão, na qual o jornalista é defensor do interesse público, que tem uma missão a cumprir, e que atua com paixão, acima de tudo (Lago, 2003).

Eu não escolheria outra profissão. Eu faria tudo de novo. Não quer dizer que tenha sido um mar de rosas, mas não... eu diria, assim, que fui bem-sucedido (Elder Ogliari).

Eu continuo apaixonado pela minha profissão. Continuo apaixonado pelo que eu faço. Vou continuar fazendo jornalismo até quando eu tiver saúde, seja onde for, seja em que plataforma for (Marcelo Canellas).

Você não desiste do jornalismo. [risos] O jornalismo não desiste da gente (Katia Perin).

Eu não tenho a menor dúvida. Eu sou jornalista. Gosto de ser jornalista. Começaria tudo de novo. Faria algumas coisas diferentes, mas começaria tudo de novo (Marcelo Auler);

Eu acho que hoje, eu simplifico tudo em uma frasezinha curta: eu tenho pena de quem não é repórter (Carlos Wagner).

Nesses trechos, percebe-se que a paixão pela profissão, observada por Lago (2003), se sobressai. O discurso romântico é reforçado apesar de todas as dificuldades mencionadas ao longo das entrevistas – a *illusio* de Bourdieu (2008). Os jornalistas acreditam que todo o esforço e os problemas enfrentados são recompensados, ou seja, creem que o jogo merece ser jogado. Conforme também observou Reimberg (2015), os profissionais suportam o sofrimento e conseguem, muitas vezes, transformá-lo em prazer pelo sentido que dão ao trabalho, por acreditar no seu papel democrático e na transformação da realidade social.

Ana Estela de Sousa Pinto é a única entrevistada que não se identifica com a visão romântica do jornalismo. Seu discurso é fortemente pragmático¹²¹, ainda que, em alguns, momentos confira valor à profissão. Do início da carreira até hoje, não se vê como jornalista, apesar de ser uma profissional reconhecida.

Não é que eu não me sinto... eu sou jornalista, né? Mas eu não tenho aquela coisa. . . . Na prática, sim, eu sou jornalista. É o que eu faço da hora em que eu acordo até a hora em que eu vou dormir e, às vezes, quando eu estou dormindo também,

porque eu sonho com as matérias, mas eu não acho que eu internamente seja jornalista. (Ana Estela de Sousa Pinto)

É interessante observar que a sua entrega à profissão, ou o *commitment* (Travancas, 2011), estão presentes na fala de Ana Estela, ainda que ela recuse o sentido de pertencimento ao grupo profissional. O sofrimento e o estresse estão bastante presentes no relato da jornalista, em relação a diferentes etapas da sua vida.

Considerações finais

Nesta pesquisa nos propomos a analisar o sofrimento psíquico relacionado às intensas rotinas produtivas a partir dos discursos de jornalistas que ingressaram no mercado de trabalho nas décadas de 1970 e 1980 e que permanecem em atividade. Nesse período de transição do jornalismo industrial para o pós-industrial, a profissão passa por profundas transformações que vão desde a precarização até a perda do monopólio na produção de notícias. Diante de tamanha instabilidade, buscamos compreender se há mudanças ou permanências na identidade profissional desses jornalistas. Nesse percurso, observamos que os sentidos de sofrimento e de rotinas intensas de trabalho perpassam as histórias de vida dos entrevistados.

Essa angústia é resultado das exigências, mas também tem a ver com um sentimento de inadequação ao mito do “jornalista nato”. O sofrimento no trabalho acaba por interferir também na vida pessoal, como o pouco tempo para a família, casamentos desfeitos, planos adiados, etc.

As jornadas de horas irregulares e exaustivas aparecem nos discursos como prerrogativas do trabalho jornalístico. São elementos naturalizados, tratados como “regras do jogo”. Nesse sentido, as entrevistas condizem com o que Travancas (2011) já havia observado: o indivíduo sabe desde o princípio que precisa se adequar a essas normas se quiser fazer uma carreira no jornalismo.

O sentido de sofrimento é recorrente nos discursos dos jornalistas, do ingresso na profissão até o momento em que concederam as entrevistas, assim como a intensa dedicação ao trabalho. É o que fica evidente, por exemplo, no relato de Marcelo Auler, que conta ter iniciado a carreira em um feriado e, décadas depois, atribui o fim do seu relacionamento ao tempo dedicado ao trabalho em

¹²¹ O discurso pragmático se opõe ao romântico. Sugere que o jornalista trata a profissão como outra qualquer e se vê como um funcionário que simplesmente cumpre tarefas (ADGHIRNI, 2017).

um blog. As mudanças na profissão, com a emergência do jornalismo pós-industrial, parecem reforçar as pressões das rotinas produtivas já existentes, como a exigência de estar sempre conectado, disponível e atualizado.

Nessa perspectiva, o sofrimento é constitutivo da identidade profissional, o que nos leva a refletir sobre o sentimento de pertencimento que se sobressai no grupo estudado. A maioria dos jornalistas entrevistados tem, ainda hoje, uma imagem de si bastante vinculada à profissão, uma visão romântica que se sobrepõe à visão pragmática, e que promove uma adesão, ou *commitment*, ao jornalismo (Travancas, 2011). Assim, a partir de uma retrospectiva das carreiras e das mudanças tecnológicas, sociais e culturais vivenciadas ao longo das últimas décadas, os discursos dos jornalistas apontam para a manutenção da *illusio* (Bourdieu, 2008), ou seja, a crença de que o “jogo” merece ser “jogado”, apesar das adversidades. A paixão pela profissão e a convicção de que o jornalista cumpre uma missão em prol da coletividade (Lago, 2003) são aspectos reforçados pelos profissionais ao fazerem uma retrospectiva de suas carreiras.

Ainda que as mudanças tecnológicas e no fazer jornalístico na transição para o período pós-industrial signifiquem uma maior precarização do trabalho, perda do monopólio da produção de conteúdo e maior cobrança sobre o trabalho do profissional, a crença na relevância do papel social do jornalista é forte o suficiente para manter o prazer na atividade (Reimberg, 2015). Conforme ressaltou Neveu (2010), a mitologia profissional é capaz de reafirmar a identidade jornalística mesmo nos tempos em que ela é questionada.

O nosso estudo, portanto, aprofunda questões levantadas por pesquisas anteriores (Travancas, 2011; Reimberg, 2015). Ao se debruçar sobre os discursos de um grupo específico de jornalistas (profissionais que ingressaram no mercado de trabalho nas décadas de 1970 e 1980 e que ainda estão em atividade), identificamos a permanência de crenças e valores da cultura jornalística nas histórias de vida, apesar da presença constante do sofrimento – fatores constitutivos da identidade profissional.

Referências bibliográficas

- ADGHIRNI, Z. L. 2017. *O jornalista: do mito ao mercado*. Florianópolis, Insular, 167 p.
- ALBERTI, V. 2005. *Manual de História Oral*. 3a ed. Rio de Janeiro, Editora FGV, 236 p.
- ALSINA, M. R. 2009. A construção da notícia. Petrópolis, Vozes, p. 352
- ANDERSON, C. W., BELL, E., SHIRKY, C. 2013. *Jornalismo Pós-Industrial: adaptação aos novos tempos*. Revista ESPM, v. 5, nº. 2. p. 30-89.
- BOURDIEU, P. 2008. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 9a. ed. Campinas: Papyrus. 224 p.
- CHARRON, J.; BONVILLE, J. D. 2016. *Natureza e transformação do jornalismo*. Florianópolis, Insular; Brasília, FAC Livros, 400 p.
- DUBAR, C. 1997. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Lisboa: Porto Editora. 240 p.
- FIGARO, R. 2013. *As mudanças no mundo do trabalho do jornalista*. São Paulo: Atlas. 344 p.
- JENKINS, H. 2009. *Cultura da convergência*. 2a ed. São Paulo: Aleph. 432 p.
- LAGO, C. 2003. *O Romantismo morreu? Viva o romantismo! Ethos romântico no jornalismo*. São Paulo, SP. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 227 p.
- LELO, T. V. 2019. *Reestruturações produtivas no mundo do trabalho dos jornalistas: precariedade, tecnologia e manifestações da identidade profissional*. Campinas, SP. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 231 p.
- NEVEU, E. 2010. As notícias sem jornalistas: uma ameaça real ou uma história de terror? *Brazilian Journalism Research*, 6(1): 29-57.
- NICOLETTI, J. 2019. *Reflexos da precarização do trabalho dos jornalistas sobre a qualidade da informação: proposta de um modelo de análise*. Florianópolis, SC. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 298 p.
- PEREIRA, F. H. 2004. Da responsabilidade social ao jornalismo de mercado: o jornalismo como profissão. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-fabio-responsabilidade-jornalista.pdf>. Acesso em: 25/07/20
- PEREIRA, F. H., ADGHIRNI, Z. L. 2011. O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. *Intexto*, 1(24): 38-57.
- REIMBERG, C. O. 2015. *O exercício da atividade jornalística na visão dos profissionais: sofrimento e prazer na perspectiva teórica da psicodinâmica do trabalho*. São Paulo, SP. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 376 p.
- TRAQUINA, N. 2013. *Teorias do jornalismo: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional*. v. II, 3a. ed, Florianópolis, Insular, 208 p.
- TRAVANCAS, I. 2011. *O mundo dos jornalistas*. 4a ed. São Paulo, Summus. 168 p.